

***Foucault em Devires Discursivos***  
*FOUCAULT IN DISCURSIVE BECOMINGS*  
Yolanda Gloria Gamboa Muñoz\*

RESUMO

Como uma forma de responder ao desafio temático proposto à Mesa como *Devires Foucaultianos* lanço a seguir quatro notas ou flechas em desvios propositais, isto é, uma pergunta sobre a moda Foucault, duas murmurações discursivas localizadas no cenário europeu, uma possível perspectiva dos discursos de Foucault no cenário latino-americano e uma última consideração sobre seu apagar-se na materialidade da discursografia.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault; discursos; devires; apagar-se.

ABSTRACT

As a form of replying to the thematical challenge proposed in the Panel as *Foucauldian becomings*, I cast, in the sequence, four notes or arrows in purposeful deviations, i.e., one question about the Foucault trend, two discursive murmurings placed on the European scenario, one possible perspective of Foucault's discourses on the Latin-American scenario, and a final consideration on his self-effacement in the materiality of the discursography.

KEYWORDS: Foucault; discourses; becomings; self-effacement.

---

\* Professora dos programas de Graduação e Pós-Graduação no Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Pesquisadora Colaboradora no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Possui diversas publicações sobre M. Foucault, P. Veyne e F. Nietzsche, entre elas, *Escolher a Montanha. Os curiosos percursos de Paul Veyne* (São Paulo, Humanitas, 2005) e *Nietzsche. A fábula ocidental e os cenários filosóficos* (São Paulo, Paulus, 2014).

## 1 . Uma pergunta em torno à moda Foucault

Nietzsche constatou, e o disse pela boca do homem louco ou frenético, que “Deus está morto” (Nietzsche 1982: 137-139 e 2013: 180-181) e que nós somos seus assassinos (isto é, também provenientes da seita dos fumadores de haxixe, de onde viria a palavra assassinos?) (Crescenci, 2016).

Foucault, nessa esteira, acrescenta a possibilidade que o homem também esteja morto, pois ele constitui uma invenção recente que pode se desvanecer (*l’homme s’effacerait*), como, “na orla do mar, um rosto de areia.” (Foucault, 1963: 398 e 1985: 404)

É nessa encruzilhada que me pergunto nesta ocasião: O que acontece com o “intelectual Foucault?”. Ou, em outras palavras: “*Foucault está morto?*” e, se o está, “*quem o matou?*”

Respondo, provisória e pontualmente, mediante um desvio proposital, por intermédio de uma declaração foucaultiana dirigida ao seu amigo Gérard Lebrun: “*Vais ver só, minha moda terminará por passar!*” (Lebrun, 1984)

Constitui essa declaração um diagnóstico equivocado de Foucault?

Mas, vamos até a palavra moda. Esse outro amigo de Foucault, que é Paul Veyne, distanciando-se de determinadas sociologias e filosofias, não julgará as modas, nem os best-sellers, porém as considerará providas de certo frescor e mergulhará nelas inserindo-se a si mesmo, por

exemplo, na moda Foucault e dizendo, em alta voz, que ele é “um discípulo de Foucault” (Veyne, 2014). Porém, no seu caso e, principalmente nesse gesto, inexistiu um relacionar-se com as modas passivamente; ele as altera, as desvia, e no caso específico de Foucault, como praticante de um *evergetismo* muito singular, Veyne faz diversos presentes ao seu amigo. Mas, essa é uma história de amizade que nos levaria muito longe.

Voltando simplesmente à problemática das modas podemos dizer que em muitas ocasiões elas se tornam algo não previsto nas coordenadas de sua origem, da mesma forma que o interesse e a curiosidade do leitor pode passar do título de um livro para seu conteúdo (ainda, um exemplo veyniano). Nesse sentido, talvez as modas também possam ser pensadas como *devires*, como é o título provocador sob o que se nos convidou a formar parte desta Mesa. Em todo caso, mesmo se a moda Foucault passou ou não passou, é possível constatar que se lida, talvez, com a discursografia foucaultiana que se tornou cada vez mais complexa, problematizada e problematizável... Nesse aspecto, a procura de seu devir, talvez, não tenha mais que ser feita pelo nome Foucault, mas pelo seu tornar-se “murmuração discursiva”; aspecto que ele também ressaltava nas entrelinhas que consideravam Marx e Freud como “*instauradores de discursividade*” (Foucault, 1994b: 805) em torno dos quais se multiplicavam os discursos sobre seus discursos. Em outros termos, suspeitamos que aquela “*montanha energética*” (Veyne, 1989: 21) chamada Foucault, teria trabalhado proposital e, por isso, discursograficamente para devir murmuração discursiva, deixando, por exemplo, armadilhas do humor e trilhando a via do

“segredo de ser sem segredo”, tudo o que parece ter contribuído para esse seu devir atual (Muñoz, 2013: 269-281).

## 2. Foucault no Cenário Europeu

A seguir, proponho um parêntese para nos referir, rapidamente, à “murmuração discursiva” na Europa. Já mencionamos dois amigos franceses, tentemos nos desviar dessa *origem*. Escolho agora uma dupla de pensadores atuais, que foram colegas e polemizaram em Karlsruhe, mas desenvolveram trabalhos e escritos muito diferentes entre si: Sloterdijk (alemão, de Karlsruhe) e Byung-Chul Han (sul-coreano de Seul, atualmente professor na Universidade de Artes de Berlim). Ambos os pensadores, segundo minha leitura, tem um ponto em comum: não aceitaram passivamente a “moda Foucault”, ou, se alguém se arrisca a usar ainda os perigosos termos biológicos, não se deixaram contaminar<sup>1</sup> facilmente por essa moda.

### a) Peter Sloterdijk

No extenso tratado das *Esferas (Sphären)*; 3 volumes publicados em 1998, 1999 e 2004 respectivamente) existe uma única referência a Foucault que trata sobre o bloqueio do acontecimento e tem como base o

---

<sup>1</sup> É pertinente considerar que esse termo não deve ser avaliado só no sentido pejorativo que “a sociedade medicalizada” lhe outorgou. No sentido de uma contaminação afirmativa, por exemplo, o termo referido permitirá a Paul Veyne analisar a relação do leitor com as *Cartas a Lucílio* de Sêneca (Veyne, 1993: 587-601).

*Theatrum Philosophicum* (Foucault, 1970).

“Con razón pudo hacer notar Michel Foucault ‘Mundo como esfera, yo como círculo, Dios como centro: ese es el triple bloqueo del pensar-acontecimiento’ ” (Sloterdijk, 2004: 118 e n.50).

Isso significa, ao meu ver, marcar um gesto de referência mínima que, aparentemente, deixaria seus escritos principais à margem da “moda Foucault”. Porém, num livro de 2013 (*Mein Frankreich*), que reúne diversos artigos sobre pensadores franceses, Sloterdijk refere-se a Foucault, desta vez, apoiado em artigos de *Dits et Écrits* (Foucault, 1994), e, surpreendentemente, faz dele próprio um *acontecimento* e um raio na história da filosofia ocidental, não mais considerada como notas à obra de Platão, como o mesmo Foucault a teria descrito. Descreve assim um Foucault vacinado pela loucura (*folie*) de uma nova sensibilidade contemporânea, oriunda de Nietzsche, Blanchot e Bataille, que o relacionaria com a vertigem das abolições de fronteiras e com o monstruoso. Dessa maneira mostra como Dionísio torna-se arquivista e permanece nos porões dos arquivos das instituições psiquiátricas, asilos, prisões formando uma síntese de erudição e riso explosivo (*éclatant*) e se afastando da tríplice condição para pensar o acontecimento: o mundo (esfera), o eu como *moi*, (círculo) e Deus (centro), escrevendo uma “história de relâmpagos” ou uma “história universal da contingência” (fórmula feliz em que escolhe *repetir* Deleuze, avaliando como esse último pensador teria compreendido o princípio e a intenção que presidia a pesquisa foucaultiana) (Sloterdijk, 2015: 183-187). Detalhe, nós podemos acrescentar, que esse gesto desvela

uma presença constante ou um silencioso *pensar com* Foucault, ao longo de seus escritos. Por isso, e na referida descrição, o menciona também como formador de uma ética de liberação do individual, considerando que o indivíduo se forma a si mesmo colocando-se em jogo, o que significaria “viver o tempo de outra maneira”.

b) Byung-Chul Han.

Numa rápida nota sobre Chul Han, podemos dizer que seus escritos são muito críticos das análises sobre o poder em Foucault, nas quais, segundo ele, ter-se-iam evitado as situações de extrema “violência”, à medida que Foucault “careceria de um sentido para a violência” (Han, 2016:132). No entanto, resguardar o secreto e as zonas de obscuridade é diagnosticado como uma espécie de “cura” para nossa atual sociedade da transparência, em que a exigência de transparência procura facilitar a integração ao ciclo acelerado do capital, informação e comunicação produzindo finalmente, o *espaço despolitizado*. (Han, 2013: 22). Sem lacunas de saber até o pensamento degeneraria para transformar-se em cálculo. Na medida que na sociedade exposta, cada sujeito é seu próprio objeto de publicidade, as relações tornam-se relações de consumo em todos os âmbitos. Assim, no planejamento neoliberal, cada um operaria com a “pressão do desempenho” (Han, 2015: 27) e como um administrador ou “empresário de si mesmo” (Han, 2013: 48). Expressão que parece vir sempre acompanhada de uma certa ironia, talvez a partir de um tornar-se do

“cuidado de si” proveniente da “moda Foucault”... Sabemos que se pode resistir facilmente à leitura de Chul Han sobre Foucault usando a própria discursografia em termos de análise de poder e de segredo, mas isso não apaga a pertinência de seus diagnósticos sobre a atualidade, e é por isso que o mencionamos como uma nota discordante a ser considerada dentro desse cenário.

### 3. Foucault no Cenário Latino-americano

Porém, vamos introduzir uma outra perspectiva e tentar dizer algo sobre Foucault em América Latina, que é precisamente, o assunto que aqui nos reúne. Começo citando, não um estudioso de Foucault, mas o pensador argentino-mexicano: Nestor Garcia Canclini que, em sua reflexão, *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*, faz uma pergunta-desafio, que teríamos que responder a cada momento. Pois, segundo ele, não se trata só de nos perguntar o que significa ser hoje latino-americano? mas *quem quer ser latino-americano?*

Nessa complexidade do querer, então, teríamos que avaliar, não necessariamente aqueles longos mapeamentos de recepção e origem que costumam ser desenhados sobre pensadores europeus em nosso cenário, mas Foucault como uma arma, instrumento, ferramenta ou operador. Isso, precisamente, porque dessa forma não trairíamos o Foucault que, longe de se limitar a estudar outros pensadores, apropriava-se deles fazendo-os ranger, e isso, ele repetia, ele sabia fazer muito bem. Por isso, me limita-

rei, nesta oportunidade, a marcar pequenos detalhes diferenciais do solo latino-americano, que demandam fazer a escolha adequada para utilizar ético-política e ainda esteticamente em nosso solo, a arma ou ferramenta adequada, isto é, avaliar e diagnosticar a tendência predominante em determinada conjuntura.

Essa perspectiva demanda, a nosso ver, a constante criação de uma enumeração de farpas diferenciais específicas, em vistas a reativar pertinentemente a discurso-grafia foucaultiana em nosso complexo chão ou cenário, no qual, cito: “teríamos que encarar serenamente o nosso vínculo placentário com as literaturas europeias”, pois “ele não é uma opção” (Candido, 1987: 151), somos parte desse tronco, porém, acrescentemos, existem e brotam constantemente as farpas diferenciais. Nomearei algumas para não ficar mencionando um projeto abstrato a ser realizado num pretenso e adiado futuro:

- Em 1993 já alertava a professora Salma Tannus Muchail, que, no Brasil atual, os exemplos foucaultianos, que se referem ao “modelo inquisitorial”, às vezes teriam mais pertinência que os exemplos que pertencem ao “modelo de controle” (Muchail, 1993).

- Por outra parte, seguindo determinadas análises dessa mesma época, realizadas pelo professor Bento Prado Junior, o mapeamento foucaultiano da instituição, não poderia ser convertido em nosso solo numa crítica geral às instituições, à medida que, por exemplo, a instituição universitária teria implicado no Brasil uma “revolução”, uma vez que “a cultura escolar precedeu a cultura livre” e que “a relação entre pensamento

e instituição não tem aqui o mesmo sentido que tem, hoje, na França” (Prado, 1980: 24) .

- Dessa forma, a distinção entre uma série institucional e uma para-institucional que eu mesma costumo utilizar nas análises discursivas em torno de Foucault, não parece tão claramente delimitada em nosso solo. Assim, por exemplo, existe, pontualmente, a busca de institucionalização em procuras alternativas [como, por exemplo, o intento de institucionalizar um “Direito alternativo” no Rio Grande do Sul (Barbeiro, 1993)] e, teríamos que considerar, especialmente, aquele diferencial que constitui a institucionalização da corrupção, que já em 1992, Goffredo da Silva Telles, referindo-se a Brasil, considerava fazendo parte da máquina administrativa do país. Por isso, ao diferenciar a corrupção em outros países e no Brasil sustentava que, neste último, “a grande corrupção quase que faz parte da máquina administrativa do país”. (Telles, 1992: 4)

- Finalmente, o papel intelectual em nosso chão não parece corresponder ao “intelectual específico”; o “status” de “intelectual” habitualmente não parece dar “náuseas” e não são necessariamente os que tentam mudar algo no pensamento de si e dos outros os que se autodenominam intelectuais. Recolhendo um depoimento de Sergio Miceli em 1990, o “espaço”, o “peso” e o “poder” dos intelectuais na França e no Brasil seriam muito diferentes (Miceli, 1990).

#### 4. O apagar-se foucaultiano

LNuma quarta e última via desta encruzilhada entre cenários diferenciais, gostaria de retomar a problemática esboçada no começo, isto é, Foucault morto, mas vivo na *murmuração discursiva*. Foucault não só declarou como ética intelectual “a indignidade de falar pelos outros” (Foucault, 1985: 69-78), mas terminou expressando que a ética intelectual de nossa época consistia precisamente em se apagar a si mesmo, constituindo e constituindo-se no problema do “*effacement*” frente ao qual todo intelectual (específico) deveria fazer uma experiência de dobra reflexiva (Muñoz, 2000: 35-47). Sabemos que ele sempre tratou de se afastar do velho tecido da interioridade, por isso, esse borrar-se deve ser limitado e direcionado como um apagamento daquele sujeito burguês-cristão que passa por nós (com a expressão burguês-cristão, resgatamos não uma expressão foucaultiana, mas daquele cristão italiano que é Gianni Vattimo). Diferenciemos de imediato: esse trabalho de auto-eliminação caminha em sentido contrário ao de uma posição em América Latina, onde tem-se apagado historicamente, como nos advertia Eduardo Galeano (Galeano, 1986), e continuam a se apagar, como tem recolhido atualmente Jonnefer Barbosa (Barbosa, 2016): massacres, genocídios dos povos indígenas, mortes nas fronteiras, mortes de mulheres, e onde a denúncia desses apagamentos forçados é prioritária.

À margem dessa diferenciação falta ainda pensar o papel desse borrar-se discursivo nos escritos de Foucault. Nesse sentido Blanchot, em

*Michel Foucault tel que je l'imagine*, já dizia com força que Foucault trabalhava o sujeito na forma de sua desapareição (Blanchot, 1986). Por outra parte, não parece ser um apagamento inocente, como tampouco constitui uma ingenuidade dizer que só escreveu discursos; isso lhe permitiu situar-se próximo do sofista cujo discurso não só diz, mas faz, sem se deixar “pescar” pela caça platônica a esse discurso (Foucault, 1971:17-18). Afastamento e desvelamento do platonismo, que também deveria fazer parte de uma experiência e experimentação em nosso cenário Latino-Americano, que à medida que opera com as categorias de modelo e cópia, carrega os perigos de uma auto-imagem deformada, atrasada e dependente pela qual temos sido considerados por séculos como cópias deformadas ou espelhos quebrados. Neste sentido, *Se a Europa Despertar* de Sloterdijk teria que ser lida por nós com os cuidados que demanda todo empreendimento cultural, segundo nossa avaliação, ainda eurocentrista (Sloterdijk, 2002).

Por isso, permito-me recolher e mencionar em continuação, um gesto artístico na América Latina, como uma maneira de introduzir neste nosso solo um possível cruzamento com a declarada atitude foucaultiana de apagamento. Refiro-me à artista plástica brasileira, Rosa Esteves, que entre seus numerosos trabalhos plásticos e intervenções, vai criar cuidadosamente diversas “Pupas” (Esteves, 2003). Trata-se de figuras femininas modeladas cuidadosamente em argila a partir de seu próprio corpo. Após essas figuras terem passado por diversas exposições (ou, após terem percorrido um determinado circuito artístico), muitas delas serão abandonadas; algumas na Argentina, por exemplo, o que produzirá mais tarde uma

transformação e apagamento de suas formas primitivas e, ao mesmo tempo, o que podemos considerar, a partir de sua procura e encontro posterior, diversas reintegrações à matéria. Aquele abandono da forma primitiva e seu devir posterior serão observados pela fotografia, na qual se documenta o reencontro das Pupas abandonadas que vivem na forma de fragmentos diferentes do original. Através desse gesto artístico queremos considerar Foucault, não constituindo corpos de Pupas, mas corpos discursivos que se apresentam como novas “caixas” (Foucault, 1963: 15) ou “lentes grises e vazias” (Foucault, 1963: 157) que se multiplicam e continuam a formar todos aqueles discursos que hoje em dia circulam em torno dos discursos foucaultianos, mas que terminam, talvez, por voltar aos livros-discursos que, como objetos-acontecimentos, se desvanecem ou desaparecem finalmente?

Mesmo se assim fosse, restaria, no entanto, o ruído (Foucault, 1986: 30-33), porque segundo a materialidade discursiva de Foucault, os livros e as palavras voltam à *murmuração discursiva* que leva “para muito além de todo começo possível” (Foucault, 1971: 7).

De maneira que, retomando em espiral as questões lançadas ao começo desta exposição, teríamos que repetir: Deus está morto, mas fica ainda sua sombra, que ao modo da sombra de Buda, talvez permaneça por séculos... O homem está morto, mas ficam suas pegadas e rastros nas ciências humanas, que não acabam, mas precisam mudar de objeto? (Muñoz, 1996: 165-172). Foucault está morto (já disse com humor ter reconhecido dois de seus assassinos: Dreyfus e Rabinow), mas ficam como

acontecimentos e raios seus *discursos explosivos*. Porém, esses três acontecimentos e mortes teriam que ser deslocados (no sentido da transformação até dos sentimentos que supõe todo deslocamento) para o cenário Latino-Americano que, de forma *anamorfótica*, precisa quere-los, avalia-los e recria-los. Retomando Canclini a pergunta permanece: quem quer ser latino-americano e, ao mesmo tempo, leitor de Foucault? Esboçemos uma das tantas respostas possíveis: Quem aceita ambos os querereres teria que saber usar criticamente os discursos alquímicos de Foucault (Muñoz, 2017: 209-222) em novas misturas e em relação com outras materialidades de maneira que possibilitem outras explosões e explosões outras...

## Referências Bibliográficas

BARBEIRO, Walter, (1993) Depoimento recolhido em: 20/09/93.

BARBOSA, Jonnefer (2016) Conferência nas Segundas Jornadas Transdisciplinares de Estudios en Gubernamentalidad, Universidad de Chile, Santiago, de 28 a 30 de setembro de 2016.

BLANCHOT, Maurice. (1986) Michel Foucault tel que je l’imagine. Montpellier, Fata Morgana.

CANCLINI, Nestor García, (2008) Latino-americanos à procura de

um lugar neste século, trad. Sergio Molina, São Paulo, Iluminuras.

CANDIDO, Antônio. (1987) “Literatura e subdesenvolvimento”, in A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo, Ática (Série Temas).

CRESCENZI, “As calças di Settembrini. Demonismo, canibalismo e niilismo: Dostoiévski, Nietzsche e Thomas Mann” In: [http://camera-web.ccuec.unicamp.br/watch\\_video.php?v=6A8USRRRWAOY](http://camera-web.ccuec.unicamp.br/watch_video.php?v=6A8USRRRWAOY)

ESTEVES, Rosa (2003) Pupas, in: <https://sites.google.com/site/rosa-mariaestevismigotto/home>

FOUCAULT, Michel (1963) Raymond Roussel. Paris, Gallimard (coll. Le Chemin).

\_\_\_\_\_. (1970) « Theatrum philosophicum ». Critique, no 282, pp. 885-908, Paris.

\_\_\_\_\_. (1966) Les mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines. Paris, Gallimard / (1985) As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas. trad. Salma Tannus Muchail. 3a ed. São Paulo, Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. (1971) L’ordre du discours (Leçon inaugurale du Collè-

ge de France, 2 décembre 1970). Paris, Gallimard.

\_\_\_\_\_. (1984) “À propos de la généalogie de l'éthique : un aperçu du travail en cours” (avec H.Dreyfus et P. Rabinow, Berkeley), en : H. DREYFUS & P. RABINOW. Michel Foucault. Un parcours philosophique. pp.322-346, Paris, Gallimard.

\_\_\_\_\_. (1985) “Os intelectuais e o poder” (com G. Deleuze). Trad. Roberto Machado. In: *Microfísica do Poder*. 5a ed. Rio de Janeiro, GRAAL, 1985 pp.69-78.

\_\_\_\_\_. (1986) *Sept propos sur le septième ange*. Montpellier, Fata Morgana.

\_\_\_\_\_. (1994) *Dits et écrits*. Paris, Gallimard, 04 vols.

\_\_\_\_\_. (1994a), « L'homme est-il mort ? » in : *Dits et Écrits I*, pp. 540-544. Paris, Gallimard.

\_\_\_\_\_. (1994b), « Qu'est-ce qu'un auteur ? » in : *Dits et Écrits II*, pp. 789-821. Paris, Gallimard.

GALEANO. Eduardo (1986) *As veias abertas da América-latina*. Trad. Galeno de Freitas. Rio de Janeiro, Paz e Terra (col. Estudos

Latino-americanos).

HAN, Byung-Chul (2013), *La sociedad de la transparencia*, trad. Raúl Gabás, Barcelona, Herder.

\_\_\_\_\_. (2015), *Sociedade do cansaço*, trad. Enio Paulo Giachini, Petrópolis RJ, Vozes.

\_\_\_\_\_. (2016), *Topología de la violencia*, trad. Paula Kuffer, Barcelona, Herder.

LEBRUN, Gerard (1984) "Foucault ao vivo", in: *Jornal da Tarde, Cad. de Programas e Leituras*, 30/06.

MICELI Sergio, (1990) in: *Debate com Didier Eribon*, Auditório da Folha de São Paulo, 06/09/90.

MUCHAIL, Salma T. (1993) in: *Debate "O Uno e o Múltiplo: Conhecimento da Verdade e Exercício do Poder"*, PUC, SP (15/04/93).

MUÑOZ, Yolanda G.G. (1994) *Fios, teias e redes. O solo foucaultiano*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

\_\_\_\_\_. (1996) “Problemas de uma teoria das ciências humanas”, *Integração*, ano II, no 6, agosto, 165-172. (São Paulo).

\_\_\_\_\_. (2000) “Mapeamentos problemáticos de uma ‘tarefa intelectual’ em Michel Foucault”, en: *Revista Margem* nº 12, pp. 35-47, Faculdade de Ciências Sociais, PUC-SP.

\_\_\_\_\_. (2013) “Foucault, o outro que passa por nós” in: *O mesmo e o outro, 50 anos da História da Loucura*, Salma Tannus Muchail et al.(org.) pp. 269-281, Belo Horizonte, Autêntica Editora.

\_\_\_\_\_. (2017), “Foucault: um alquimista rebelde” (209-222) in: (org: Margareth Rago; Silvio Gallo), *Michel Foucault e as insurreições*, São Paulo, Intermeios.

NIETZSCHE, Friedrich (1982) *Die Fröhliche Wissenschaft*, Frankfurt, Insel Verlag./ (2013) *La ciencia jovial. “La gaya scienza”*, trad. José Jara, Valparaíso, Universidad de Valparaíso.

PRADO JR., Bento. (1980) “Profissão: filósofo”. *Cadernos PUC*. São Paulo, Educ/Cortez Editora, 1: 15-32, março 1980.

TELLES JR, Goffredo da Silva (1992), “Entrevista”, *Folha de SP*, 19/06/92 (Cad.I.)

SLOTERDIJK, Peter (2002) *Se a Europa Despertar*. Trad. José Oscar de Almeida Marques, São Paulo, Estação Liberdade.

\_\_\_\_\_. (2004) *Esferas II, Globos*, tradução Isidoro Reguera, Ediciones Siruela, Madrid.

\_\_\_\_\_. (2015), *Ma France*, trad. Olivier Mannoni, Libella, Paris.

VEYNE, Paul, (1985) “L’Empire romain”, in *Histoire de la vie privée*. Paris, Éd. du Seuil, Tome I / (1989) “O Império Romano”, in *História da Vida Privada*. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo, Cia. das Letras, vol. I.

\_\_\_\_\_. (1993) “Avant-propos, Préface, Bibliographie, Chronologie, Introductions, Traductions revues et Notes”, in *Sénèque*. Paris, Robert Laffont.

\_\_\_\_\_. et CARRÈRE Emmanuel (2014), *Entrevista de François Busnel*: <https://www.youtube.com/watch?v=17pxWNcus0s>